

É COM VOCÊ, POETA

João Carlos Pereira

Professor universitário, autor dos livros *Encontro com Waldemar Henrique*, *Os Fantasmas Sobem de Elevador*, e *A Poesia no Vestibular*, e co-autor da antologia *Brumo de Menezes ou a Sutiliza da Transição*. É, também, coordenador do Instituto da Cidade da UNAMA.

Era noite de sexta-feira e o poeta estava feliz. Na casa da escritora Aline de Mello Brandão, ele sentou nuns almofadões e estava cercado de carinho. "Eu não quero falar de mim", pediu, com a voz cheia de doçura. "Mas esta vai ser uma entrevista única. Vamos ter Ruy Barata ser humano e intelectual", ponderemos Aline e eu. O poeta estava num momento particularmente feliz e não fugiu de pergunta. Durante uma hora, foi possível ver o coração de um homem que fez da poesia o tema sua existência, e ele falou de poesia, política e paixão.

O texto que segue é uma radiografia humanizada de uma criatura rara. Penso que poucas vezes, em tantos anos de jornalismo, encontrarei um entrevistado tão à vontade, tão disposto a dizer o que realmente queria. Não há, e isto o leitor há de perceber, entrelinhas na palavra do poeta. Esse recurso ele deixou, como poucos, para o poema. De gravador na mão, para que nada se perdesse, Aline e eu passeamos, literalmente, pelo universo de Ruy Barata. Hoje, utilizando de uma imagem que ele mesmo criou, num poema sobre seu pai, quando Ruy já é saudade, ei-lo de volta, cristalino, bonito, falando de amigo para amigo. Pensando alto, talvez. O texto foi publicado no primeiro número da *Revista da Associação Paraense de Escritores*, que ele faz nascer e embalar, do mesmo jeito que se embala um sonho.

- O que você pensa da vida. No seu questionamento existencial, o que é prioritário?

- Eu já disse, num poema, que viver faz parte da emboscada. E quando digo fazer parte da emboscada, é que ela nos cerca de tantas peias, que a gente acaba no lugar comum. O importante da vida é viver. Questionamento existencial? - Quem não tem!!!? Mas eu prefiro suprir esse questionamento existencial por uma atividade participativa, da qual a minha vida

política que vocês conhecem - e, atualmente, a Associação Paraense dos Escritores, - me fazem participar desse lado mais coletivo, e, portanto, elimina um certo questionamento existencial, que eu deixo para passar nos meus poemas.

- Você que é uma pessoa engajada política e culturalmente, ao escrever, pensa nesse fato, ou o seu compromisso é com a sua necessidade interior?

- Quando eu escrevo um poema eu não o busco. Ele é que me busca. Ele é que me persegue. Ele é que me faz sofrer. E me dá também grandes alegrias que, felizmente, são passageiras.

- Quais são os escritores pelos quais você mantém admiração constante ao longo dos anos?

- Eu sou muito pouco fiel aos meus escritores prediletos. Eles duram na medida em que a mensagem deles está dentro de mim. A durabilidade de um escritor, para mim, vai do momento em que aquele escritor me leva às lágrimas. Eu ainda sou do tipo do sujeito que, quando um escritor me comove, eu leio o livro chorando. Então, a minha fidelidade a um determinado escritor é muito transitória. Logo vem um escritor que me provoca novas lágrimas. E eu penso que as antigas são lavadas com as novas.

- E quem é que já teve essa capacidade de lhe puxar as lágrimas do corpo, e não as da alma?

- Dostoievsky foi um deles! Ele me fez sofrer imensamente. Talvez fosse o primeiro escritor que me levou às lágrimas, foi Dostoievsky. E quem leu *Os Irmãos Karamazov*, *Os Possessos*, todo aquele material que Dostoievsky pôde nos dar... me levou às lágrimas... E as últimas lágrimas que eu recebi... me lembro de dois livros: *Cem Anos de Solidão* e, naturalmente, *Grande Sertão-Veredas*.

- O que é que melhora a angústia de viver: é escrever ou é beber?

- Todas as duas coisas são importantes. Resta saber como separá-las.

- Quem é o seu Deus?

- O próprio Deus!

- O que você pensa da cultura brasileira atual; e mais recentes, que autores atraem a sua admiração?

- É um rol deles que eu posso cometer equívoco de não citá-los. Mas um dos escritores mais recentes de literatura brasileira, que ainda me comove muito chama-se, sem dúvida, Mário Faustino.

- E o que você pensa dos autores autofinanciáveis?

- O autofinanciamento é uma questão da nossa miséria editorial. Um país sem editoras leva o autor, fatalmente, a autofinanciar-se, isso porque as livrarias perderam a credibilidade, desde que, para espanto meu, eu soube que um escritor, dos maiores que temos no Pará, e no Brasil, sem dúvida, Benedito Nunes, recebeu de direito autoral, entregando as grandes editoras do Brasil, duzentos e cinquenta cruzados por aquelas edições que fez para a livraria "Perspectiva". Duzentos e cinquenta cruzados! Para um escritor do porte do Benedito Nunes!...

- Você tem escrito ultimamente?

- (riso irônico). Eu de vez em quando volto a um poema que se chama *Nativo de Câncer*. É um poema que não tem deixado que eu me afaste dele. Tenho tentado me libertar dele, mas o patife me persegue a tal ponto que estou incapacitado, por enquanto, de escrever outra coisa. É um poema de longa duração... É um poema rememorativo e, por isso mesmo, eu o castigo com o meu desprezo. Mas, de repente, ele é muito maior que o meu desprezo. E bôia, e nada e aparece, e lá eu volto ao mesmo tema. É um poema onde eu pretendo unir a minha vivência da poesia do mundo ocidental, que eu apanhei por aí e, unindo isso às minhas origens tapuias, isto é, unindo o que pretensamente chamam-se de o regional e o universal. Quando as duas coisas, no meu entender, se entrelaçam perfeitamente. Não há nada universal que não seja regional; e não há nada regional que não seja universal.

- O nativo de Câncer já está na rua...

- Dois cantos!

- Esses dois cantos ainda vão ser modificados, ou eles já estão definitivamente acabados?

- Nada é definitivo em poesia. A poesia é sempre um passar a limpo. É sempre uma convivência dolorosa que, de repente, uma palavra já não nos parece mais carregada da significação que passou a ter para nós. Não é mais uma questão de escolher uma palavra melhor, porque aquela palavra já não está com a carga de significação que a gente pretende.

- Quer dizer, então, que o poema vai ser sempre um vir-a-ser?

- É muita ousadia que vai ser um vir-a-ser. Eu amanhã posso dizer: "Poema, vai-te embora". Eu já tenho dito pra ele várias vezes: "Vai-te embora". Mas ele volta sempre... Não sei se ele vai, numa dessas vezes que eu o mandar embora, realmente...!

- E o livro, quando ele encarcera o poema, ele não limita as possibilidades desse poema crescer. Ou ele evita que esse poema desapareça pra sempre?

- O livro sempre é um cárcere. Mas não é um cárcere que não possa ser quebrado. E aquilo que possa parecer melhor ao seu último momento de ser entregue, ele pode modificar tantas vezes. Porque ele é nada-eterno. O poema é fluido. O poema não é um eterno vir-a-ser. O poema é! É! No sentido que ele parte de toda essa anarquia que é o nosso universo pessoal.

- Essa explicação é suficiente para explicar sua ausência em livro esse tempo todo???

- Não! A minha ausência em livro tem uma razão de ser: editar, no Pará, pressupõe uma convivência com o poder. E até então, até acontecerem fatos novos na vida brasileira, ter um livro editado pelo poder representava participar desse poder que, para mim, era uma coisa profundamente aflitiva ter ao menos de chegar a esse poder e perguntar: "O senhor permite que eu edite um livro?". E então eu fui ficando. Fazendo e ficando. Ficando e fazendo. Até que deu-se a oportunidade. Agora posso editar, que não terei nenhum impedimento de editar um livro se, para isso, for solicitado. Eu não gosto de me oferecer. Se alguém achar que deve editar o livro. É que eu participe financeiramente dos gozos desse livro - nunca esqueçamos que, embora não sejamos, - nós devemos ter uma consciência profissional como poeta, e como compositores também.

Nunca devemos editar nada de graça! Isso é produto de uma coisa que se chama, fundamentalmente, não coisas existenciais para porem pra fora, mas um trabalho, como um trabalho de um operário, como o trabalho de uma lavadeira, que merece a justa paga. Então,

no momento em que disserem: "Vou editar um livro seu", e lhe pagarem tanto por isso, estou pronto a aceitar. Se não ocorrer isso, lá ficarão os poemas para que uma amiga, no futuro, vá no rastro deles. E eu espero tenha bastante amigos para isso.

- Se o governo perguntasse hoje: "Ruy, cadê o livro?". O livro estaria pronto?

- Estaria na medida em que um livro é sempre passar a limpo o próprio livro. Estaria. Pelo menos dez cantos eu agüentaria.

- Um recado para os amigos jovens, que escrevem...

- Vocês querem saber por que a maioria dos meus amigos são jovens? Depois de 64, alguns amigos meus me viam e faziam que não me viam. Havia uma conveniência nisso. E eu não queria embarcá-los, dizendo "eu estou vivo". "Estou aqui". Não. Às vezes eu passava na rua, e tinha a certeza de que eles estavam me vendo, e viravam a cara. Os mais velhos respeitam o poder, muito menos que os jovens. E os jovens se acercaram de mim. E eu comecei a participar com eles, através da música, - já que eu não podia participar através da poesia, eu fui através da letra da música. E de repente, não mais que de repente eles chegaram junto a mim e, através da música, aquilo que os amigos velhos eram e a literatura, consegui um canal de penetração com a juventude. De tal maneira que os meus amigos velhos me perguntam: "O que tu fizeste pra encantar essa gente?" E digo. "É simples, descer até eles. Mas como a maior parte dos meus amigos velhos não quer descer dos seus coletes, perde o melhor que é a juventude.

- Descer até a idade...

- Até a idade. As ambições... as aspirações deles que estão em jogo.

- Os anos 60 foram fundamentais para essa metade do século. Mas no Brasil os anos 60 acabaram em 64. Como é que a juventude pôde sobreviver a 64. E que diferenças houve no Ruy Barata de antes e depois de 64?

- Engraçado, fala-se em juventude, em castração da juventude depois de 64. Ainda é preconceito contra a juventude. Ela não se castrou. Pelo contrário: ela se aproximou e começou a mostrar - não de maneira política, direta, mas nas aspirações, no desejo de modificar o país. Na música, na pintura... de renovar...

Eu me perguntei certa vez - "Se tu não desceres a eles e não lhes pedires a bênção, como é que tu próprio, um velho, vais te renovar?".

O movimento musical acontecido no Pará, depois de 64, nunca foi tão brilhante. Começa toda uma busca do seu passado musical. Como toda uma investigação sobre o problema musical. Já que os escritores não podiam falar sobre política, eles derivaram para a música. E há pessoas importantíssimas para a música brasileira feita no Pará. Muitos deles não gravaram: um José Serra, por exemplo - hoje médico e professor da Universidade do Amazonas; um Simão Jatene; uma Heliana, estão aí participando do poder... Uma juventude... uma grande parte dessa gente que fez a campanha das "Diretas" tá no poder. De Campos Ribeiro, não é? Que hoje participa do poder. "Quem mais, Ruy Barata?" Ah! que eu teria que dizer de cada um... e a memória me falha. Mas foi um movimento muito grande.

Mas para eu fazer justiça a um grande amigo meu, é preciso que eu diga que tudo começou na casa de uma criatura chamada Hélio Castro.

- E a literatura, como enfrenta esses tempos?

- Aos pedaços! A literatura era uma literatura de acrósticos.

Hoje o movimento editorial de Belém do Pará está um caso sério, não é? É como se, de repente, tivesse se rompido uma comporta. Aquilo que era uma literatura fechada, de repente é aberta. Todo mundo quer escrever. Não sabe como, mas quer... Olha, é espantoso como nunca se editou tanto no Pará! Há uma necessidade de dizer-se literariamente. Já não mais musicalmente. A música preencheu um papel até aqui, mas agora a literatura começa assumir o seu papel importante.

São dois, três lançamentos por semana. A literatura a assumir o seu papel. Já não é mais a letra de música. A letra de música correspondeu num determinado momento. "Vamos procurar na música o espaço que a literatura não nos dá". Mas está voltando com uma intensidade imensa, à procura do seu caminho literário.

- Mas isso é paradoxal: A barreira foi rompida no momento da maior crise por que já passaram os editores. O papel caríssimo, tudo muito caro... Como foi possível acontecer isso?

- De repente, o intelectual assumiu uma posição importante nesse país, haja vista a pregação dos intelectuais brasileiros durante a pregação da crise que iria cair na abertura democrática. Então, o poder sabe que os intelectuais pesam. E não é à toa que o José Sarney tá mesmo, não?

- E a APE? Qual é a sua importância? Em que ela vai poder atuar numa política cultural?

- *Eu acho que a nossa função é de maior expressão na sociedade. Muitos anos eu lutei nesse Estado para nós termos uma visão de que o trabalhador é um intelectual também. A visão do intelectual antigo era de um beletrista na sua torre de marfim. Hoje nós sabemos que não é isso. O intelectual tem de lutar pelo seu direito de ser. De ser até mesmo um intelectual.*

A literatura sul-americana está num caminho de torna a viagem. Como eu digo um caminho de torna a viagem? Nós recebemos tantas influências do mundo europeu que ela bateu aqui, caiu em terreno fértil, e hoje nós podemos nos orgulhar de ter grandes autores na América Latina.

E o mundo não está despercebido desse fato. Quando nós nos aportamos de alguns movimentos que vieram da Europa, como o surrealismo, vemos que um grande movimento surrealista volta a renascer na América Latina, em todos os seus escritores, não é? Mas também com esse surrealismo, um acréscimo de proposições sociais que estão dentro desse caminho, misturado.

Engraçado como as coisas se misturam, não é???

Aquilo que parecia uma regra, a gente vê que não é. "Olha, quem é escritor social é dessa parte; quem é surrealista é dessa... Chegamos a uma fase em que as duas coisas se misturam. Você tem de ser liberto para criar. Dai, porque eu nunca fui comunista com Stalin. Não teria esse realismo socialista que eles pretendem. O escritor, além de ser comunista deve ser "o escritor". E esse respeito pelo escritor é o que existe, agora, no meu partido. O escritor não é um pau mandado. O escritor tem o seu universo de criação artística, que qualquer partido do mundo tem que respeitar.